

BETTEGA, Amílcar. *Os lados do círculo*. Alfragide: Editorial Caminho, 2008.



Os lados do círculo, volume de contos do escritor brasileiro, Amílcar Bettega, editado em 2008 pela Caminho, na colecção *Outras margens*, dedicada à publicação de autores estrangeiros de língua portuguesa, permitiu ao público português conhecer uma das mais promissoras vozes da novíssima Literatura Brasileira. Outro factor importante para a divulgação da sua obra deste lado do Atlântico foi, sem dúvida, a participação de Amílcar Bettega em mais uma edição das Correntes d'Escritas, na Póvoa do Varzim, em Fevereiro último. Na sequência deste evento, Amílcar Bettega juntamente com Daniel Galera e João Paulo Cuenca foram recebidos por jovens escritores, como Ondjaki, Gonçalo M. Tavares e José Luís Peixoto que apresentaram os títulos dos colegas brasileiros. A José Luís Peixoto coube precisamente *Os Lados do Círculo*, numa sessão que decorreu na Livraria Bertrand das Amoreiras.

Amílcar Bettega é riograndense, natural de São Gabriel. É Formado em Engenharia Civil e Mestre em Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Actualmente, reside em Paris, onde é leitor de português na Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris III. Entre os principais títulos da sua bibliografia contam-se *O voo do trapezista* (contos), de 1994, editado pelo Movimento/IEL, agraciado com o Prémio Açorianos de Literatura em 1995; *Deixe o quarto como está*, igualmente um volume de contos, de 1992, com a chancela da Companhia das Letras, distinguido com uma menção honrosa no Prémio Casa de las Américas de 2003, em Cuba, e que veio a vencer outra vez o Prémio Açorianos de Literatura do mesmo ano; e *Os lados do círculo*, 2004, também da Companhia das Letras que foi o vencedor do Prémio Portugal Telecom de Literatura em 2005. Para além destes títulos, tem vindo a publicar contos em antologias, em jornais e em revistas, não só no Brasil, como em França, Itália, Luxemburgo e Suécia. Mantém ainda alguns *blogs* na Internet, regularmente actualizados, onde, entre outras coisas, reflecte sobre o seu labor literário. Presentemente, tal como revelou aquando da sua vinda a Portugal, encontra-se a trabalhar no seu primeiro romance. Trata-se, portanto, de um currículo que já não pode ser ignorado, no panorama editorial nem crítico do espaço da lusofonia

por se ter vindo a afirmar como uma voz cada vez mais relevante.

São doze os contos incluídos em *Os lados do círculo*, distribuídos por três partes delimitadas no índice: “O puzzle (fragmento)” – que corresponde a uma narrativa isolada –, “Um lado” e “Lado um”.

O primeiro conto, “O puzzle (fragmento)”, funciona como porta de entrada para as narrativas seguintes já que as personagens que nele surgem virão a ser as protagonistas das narrativas que se lhe seguem. Dez figuras, homens e mulheres, mantêm o hábito de se encontrarem ao fim do dia junto ao rio Guaíba, obedecendo a um urgente impulso de comunicar, despindo-se da vestimenta pessoal e social que envergam no seu quotidiano. Desses encontros faz parte uma espécie de ritual que consiste em dispor, aleatoriamente nas areias junto ao rio, os objectos trazidos por cada um deles: espelhos, candeeiros, panelas... A configuração inesperada da composição confere aos objectos uma nova significação que, por si só, implica uma outra forma de comunicação. A estranheza deste ritual chega a ser notícia de jornal. Entretanto, a propósito destas sessões – chamemos-lhe assim – estes desconhecidos partilham algumas confidências sobre a outra dimensão das suas existências enquanto habitantes da cidade de Porto Alegre. Na verdade, os contos seguintes mais não serão do que a individualização de cada uma das personagens, pois os elementos essenciais de cada uma das narrativas são lançados neste conto, o que faz com que todos os contos se encontrem ligados entre si por causa deste intróito. Cada conto situar-se-á nessa ambivalência: ser uma unidade em si e um desenvolvimento do que no início se anunciou.

A primeira narrativa liga-se funcionalmente à última, “O puzzle (suite et fin)”, aliás pelos títulos e pelo conteúdo, dir-se-ia que ambos os contos compõem um só conto. Em o “O puzzle (suite et fin)”, fecha-se precisamente o ciclo, ou o círculo: é Marta, elemento daquele grupo, quem faz chegar a uma dessas personagens (“eu”, Amílcar, protagonista do conto “Crónica de uma paixão?”) um envelope castanho contendo folhas de papel, apontamentos e notas dispersas, que mais não eram do que fragmentos das biografias dos elementos

que constituíam o insólito grupo. Neste sentido, este conto é metaliterário, metaficcional. Ao “eu” presente na enunciação do texto, caberá – teria cabido? – a tarefa de compor as peças do puzzle de forma a dar-lhe sentido. À imagem da composição ritual que o grupo construía a cada um dos encontros.

Entre os dois contos, o primeiro e o último, surgem as restantes narrativas. Carlos, Maria e André protagonizam a primeira história, “A próxima linha”. Os dois primeiros travam um diálogo tenso em que é possível adivinhar os contornos de um triângulo amoroso. A conversa e os gestos que a pontuam são observados à distância por André, que dá ordem de marcha ao seu automóvel quando Carlos e Maria abandonam o mirante de onde observavam a cidade. Roberto Guedes, jornalista, em o “Ciclo vicioso”, sente-se inexplicavelmente impelido a seguir uma pista deixada pela notícia de um jornal que dá conta do assassinato de uma mulher em Colónia del Sacramento, Argentina. Nessa cidade, sucedem-lhe dois acontecimentos determinantes: contacta com uma lenda da cidade, considerada de mau agouro, e conhece a sua futura esposa, Cláudia Morales. Breno vive alienado no “Teatro de bonecos” que ele próprio montou. Atormentam-no os ciúmes da relação sentimental que pressente entre Ana e Alfredo e as formigas que invadem a sua casa. Amílcar elabora a “Crónica de uma paixão”, crónica que é quase um diário, dando conta do que é deixar consumir-se por uma paixão ardente, mas não correspondida. Wagner é vítima de um crime violento e gratuito, quando cruza a periferia de Porto Alegre. Alexandre encontra uma solução radical, muito discutível, mas absurdamente lógica para o problema dos sem-abrigo em Porto Alegre. “A/c editor de cultura segue resp. cf. solíc. Fax” passa por ser a resposta a um guião de entrevista que explica a génese de um livro, à luz da influência de Cortázar. Em “Mano a mano”, Fernando e Helena lutam, cada um para seu lado, com o fantasma da loucura. Marcos Campinelli, em “Álibi”, justifica simultaneamente a autoria de um guião de cinema e a de um crime passionai. Carlos e André encontram-se em “The End” para pôr fim à trama anunciada no conto do início do livro.

Vale, de facto, a pena ler *Os lados dos círculo*, sobretudo pela habilidade colocada na dosagem de tensão dramática conferida a cada um dos relatos. É compensador para o leitor ser surpreendido, a cada passo, pelo inesperado, pelo insólito, pelo absurdo, a propósito de histórias que remetem para a verosimilhança própria do quotidiano de uma grande cidade. Amílcar Bettiga soube explorar algumas ideias centrais neste seu volume de contos. A mais óbvia de todas é a da circularidade, anunciada pelo título da obra, reiterada no título de um dos contos, “Ciclo vicioso”, e entrevista

em alguns dos dramas vividos pelas personagens que, encerradas no seu próprio círculo, andam às voltas para nunca saírem do mesmo lugar. Daí que as soluções radicais sejam a única escapatória: a loucura, a morte, o assassinio, a antropofagia. À circularidade liga-se ainda a ideia de repetição, muito patente na aventura de Carlos e Cláudia, ou na obsessão de Breno com as formigas.

Mas outras linhas podem ser seguidas: a necessidade de evasão, a procura de sentidos, o exorcizar certos fantasmas, um deles o da solidão. Esboça-se ainda a ideia do acaso, do aleatório que é necessário ser interpretado para que se atinja uma compreensão cabal dos acontecimentos. Há, por fim, dois vectores muito fortes que estão presentes em vários contos: a própria cidade de Porto Alegre e a Literatura.

A impressão de que a cidade de Porto Alegre como que respira por trás de cada um dos contos veio a ser confirmada pelo autor numa entrevista em que assegurou ter sido uma das intenções que presidiram ao livro. Efectivamente, há como que um olhar de fotógrafo que incide sobre pontos-chave dessa metrópole: o rio, o porto, o morro de Santa Teresa, o espectáculo de luzes, o Verão na cidade, o Inverno, a periferia, os bairros chiques... Enfim, os contrastes próprios das grandes cidades.

Quanto à Literatura, são várias as personagens que ou são escritores, ou põem a hipótese de o vir a ser, são ainda vários os contos em que se persegue a ideia de colocar determinado acontecimento num livro, por se tratar de uma história passível de ser contada literariamente. Por outro lado, estão presentes diferentes registos de enunciação, bem como referências a diferentes géneros textuais – crónica, diário, ensaio, romance, conto – numa evidente contaminação genológica. Até a problemática da tradução é abordada.

Os lados do círculo, enquanto projecto literário, começou por merecer a indiferença editorial no Brasil, a ponto de o autor ter posto de parte a ideia de o publicar. Porém, com o sucesso de *Deixe o quarto como está*, acabou por ser publicado e merecer o destaque que já aqui se recapitulou. Ora é este um dado que serve como uma espécie de aviso para o leitor: não se trata de um livro que possa ser lido nem com ligeireza, nem com leviandade. É necessário que o leitor se deixe interpelar, se obrigue a participar activamente, estabelecendo nexos lógicos e, acima de tudo, deixando-se conduzir por este universo que pode ser visto como as faces possíveis, embora anónimas, da cidade de Porto Alegre. Deve o leitor participar ainda no jogo espelhos que atravessa o livro, repto deixado por Marta no primeiro conto, descobrindo, à custa de constantes releituras, possíveis combinações das peças do puzzle.

Estes contos, ou este livro, revelam assim um escritor que trabalha com mestria as potencialidades do conto, colocando-nos perante uma construção que terá que ser percorrida na sua totalidade até que se percebe qual a estrutura que a sustenta. A leitura desta obra servirá como motivação para conhecer mais da produção de Amílcar Bettega, confirma o mérito dos galardões já recebidos e

obriga a aguardar com expectativa as futuras aventuras literárias deste escritor gaúcho.

MARIA MANUELA LOURENÇO

Universidade de Lisboa

Recebido: 06 julho de 2009
Aprovado: 22 agosto de 2009